



Director literario:
Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Lallés
PAPUSSE

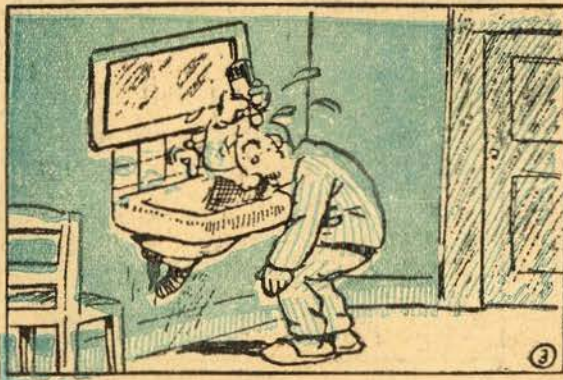
Uma grande invenção do dr. Serapião



Em rico laboratório, o doutor Serapião, fez uma grande invenção que o tornou assás notório.



Um dia «Zé» Catavento, por alcunha o «Zé» Pelado, foi consultar o afamado autor do célebre invento.



E ao deitar-se o carequinha despejou o frasco todo, pensando que, desse modo, ficaria catitinha.



Na manhã seguinte a ama, ao ir chamar o patrão, desmaiou, vendo um leão deitado dentro da cama!



A filha do joalheiro

—:— Por ANA PINA —:—

Desenhos de ANTONIO LOPES



ERA uma vez um ourives que tinha uma filha linda como o sonho dum poeta. Era éle, porém, tão cioso do seu tesoiro, que nem sequer consentia que Briolanja saísse à rua ou assomasse à janela. Dizia éle que só para a filha vivia e, portanto, exigia que ela não pensasse em casar para nunca o abandonar. Briolanja possuía vestidos riquíssimos e joias que causariam inveja a uma rainha.

O velho ourives parecia ter magia nos dedos tam lindas e delicadas eram as joias que das suas mãos saíam! Era o ourives da Casa Real e o favorito de todas as damas e fidalgos da côrte.

O rei tinha dois filhos, — o príncipe Alfredo e a princesa Bertila, — que faziam enormes despesas em joias. Só para lho dar, o colar de brilhantes e pérolas que a princesa possuía, o rei lançara sobre o povo um novo imposto.

Bertila era muito boa e tam bonita que a consideravam a mais formosa de todo o reino. Certa tarde a princesa Bertila passou a cavalo com um brilhante séquito de damas e pagens, sôb as janelas do afamado joalheiro. Ouvindo o estrépito da cavalgada, Briolanja, assomou à janela. A princesa viu-a e disse para uma das suas damas:

— Por Deus, duqueza, que formosíssima rapariga! É mais bela do que eu!

Quando a duqueza ía a olhar, Briolanja, que ouvira Bertila, retirou-se da janela. A princesa Bertile desmontou e ao ourives, que todo se curvava em cortezias, disse assim:

— Bom dia, meu bom Salomão. Quem é aquela beldade que estava à janela?

— É minha filha, alteza.

Como Bertila mostrasse desejos de a vêr, o joalheiro chamou Briolanja. A filha do rei disse-lhe

algumas frases amáveis que ela agradeceu, gracilmente, sem acanhamento. Então a princezinha tornou a montar e, seguida de suas damas e pagens, voltou ao palácio real. Mal ela saiu, o velho Salomão, increpou asperamente a filha, por ela, desatando as suas ordens, ter chegado à janela. Muito chorosa Briolanja recolheu aos seus aposentos.

Ao chegarem ao palácio a princesa Bertila e suas damas, tantos elogios teceram à beleza e distinção da filha do ourives, que o príncipe Alfredo sentiu curiosidade de vêr a rapariga. Nêsse intuito foi no dia seguinte a casa do ourives, com o pre-



texto de encomendar um alfinete para prender a pluma do seu gorro. Por mais que olhasse, porém, não via Briolanja.

Para lhe mostrar um lote de esmeraldas magnífi-

cas que tinha recebido, o velho levou o príncipe ao andar de cima. Enquanto o ourives abria o cofre das joias, ergueu-se rapidamente um resposteiro e a artística cabecita de Briolanja apareceu, curiosa. Vendo que Alfredo a contemplava e tremendo a cólera do pai, ligeira como uma gazela, a adorável rapariga fugiu. O



no exílio e Briolanja voltou ao seu país. Ela que conhecera todo o bem-estar que a fortuna dá, para não morrer de fome, vendia flôres pelas ruas. E mesmo assim, com um mísero vestidito preto, era tam linda, tam linda, que as rosas do seu açafate murcharam de inveja!

O rei adoeceu. Vendo a morte próxima, arrependeu-se de todo o mal que fizera e disse a Bertila, sua carinhosa enfermeira, que, se Briolanja aparecesse, consentia no casamento dela com Alfredo. Morreu o rei. Os sinos tangem lugubrememente. As mais lindas rosas são colocadas no ataúde, pelas piedosas mãos da princesa Bertila. E essas flôres, tão mimosas, estão orvalhadas pelas lágrimas da princezinha. Absórta na sua dôr, Bertila, vê entrar uma rapariga enlutada, que põe sobre o cadáver as humildes violetas que traz num açafate. Só nota a sua presença, porém, quando com voz maguada ela diz:

— Deus te perdõe, rei, como eu te perdoei!

A princesa reconheceu Briolanja! Ali mesmo a abraçou e levou-a à alcôva do irmão, que não mais deixara o leito. Esquecidos de todas as máguas, os

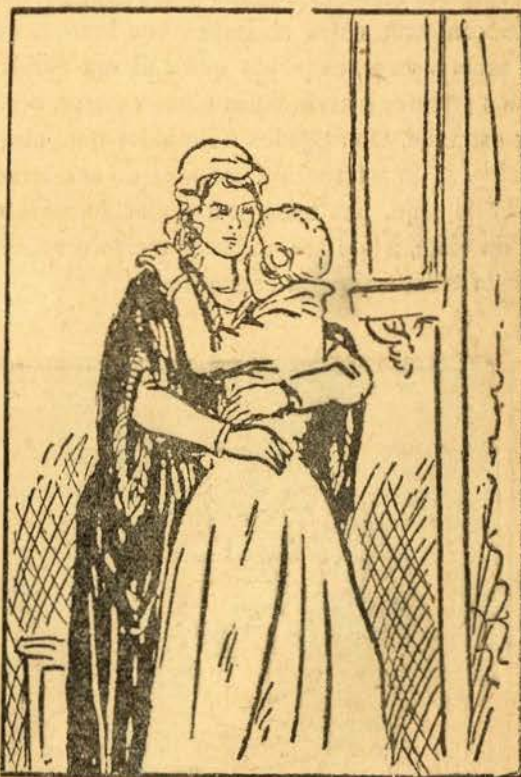
príncipe Alfredo ficara deslumbrado! Mal viu as preciosidades que o velho lhe mostrou, tam embevecido estava na imágem que se lhe gravara na alma para sempre! Nessa noite fazia um luar soberbo e o príncipe foi postar-se sôb a varanda florida de Briolanja. Como durante o dia os olhos de Argos do pai não a deixavam assomar à janela, a gentil reclusa tinha por hábito, à noite, abrir as vidraças e, à luz, da lua dedilhar a sua harpa, cantando com voz melodiosa canções onde se reflectia o seu anseio de liberdade!

Quando, naquela noite, ela surgiu, envolta na luz da lua, tam idealmente linda, que mais do que uma criatura humana parecia uma visão de sonho, e os seus dedos de fada dedilharam a harpa, o príncipe acercou-se mais e a sua voz meiga e insinuante elevou-se docemente numa canção de amor!

Desde essa noite os dois jóvens consideraram-se noivos.

Quando o rei soube dos amôres do filho, encolerisou-se e proibiu terminantemente Alfredo de tornar a falar a Briolanja. Além da filha do ourives ser uma rapariga plebleia, o rei queria que o filho casasse com a princesa Corina, sua prima. Daí a explosão de cólera que o acometeu por vêr o príncipe desacatar-lhe as ordens. Alfredo revoltou-se contra as ordens bárbaras do soberano, e este, enraivecido, desterrou o pobre ourives, confiscando-lhe os bens. O príncipe Alfredo caíu de cama. Nem a doença do filho, nem as lágrimas e rogos da princesa Bertila, fizeram demover a sentença do rei.

Minado de desgostos, o velho Salomão morreu



dois noivos abraçaram-se ternamente. Bertila chorava de alegria!

E um mês depois, no mesmo dia em que foi coroado rei, Alfredo tomou por esposa a encantadora filha do joalheiro.

F I M

A VINGANÇA DA LILI

■ POR MARIA DE LENCASTRE ■
DESENHOS DE ANTONIO LOPES

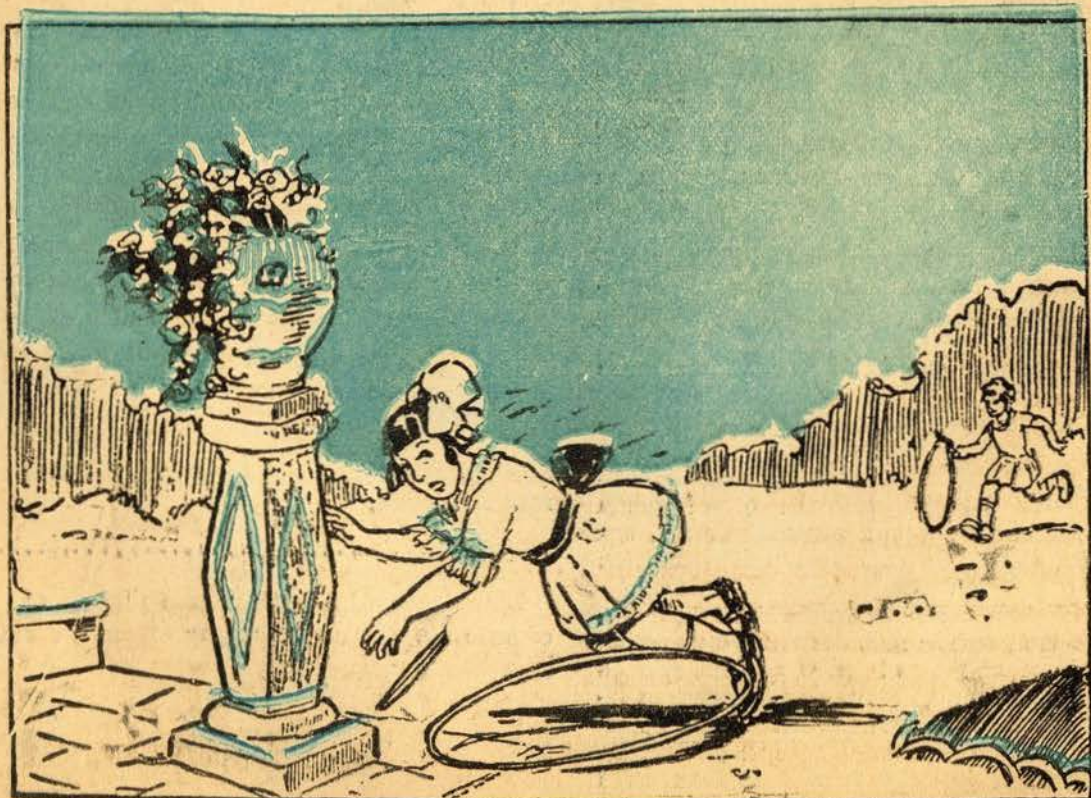


UMA pitoresca e luxuosa vivenda à beira-mar, vivia com sua esposa e filha, o rico banqueiro, Luís de Melo. Tinha o banqueiro em casa uma afilhada, órfã de pais, a linda e encandora Lili, que era a companheira

de brinquedos de Isabel, a rica filha do banqueiro. Ambas crianças e gentís formavam, porém, grande contraste entre si. Isabel era branca, de olhos azuis e vivos, enquanto que Lili era pálida, com uns grandes e aveludados olhos escuros, dum fulgôr estranho, tão rasgados e límpidos que, através deles, se lia a ternura e bondade do seu terno coração de anjo. Era linda e a maior formosura era a da alma, a do seu character meigo e suave, cativando todos os que a conheciam.

Isabel era, também, bonita mas o seu génio, arrogante e caprichoso, o seu indomável orgulho, os seus gestos despóticos e bruscos, envolviam-na num círculo de antipatia e terrôr que só a presença de Lili conseguia diminuir. Vendo a simpatia e estima que todos sentiam pela pobre órfã, Isabel, cheia de despeito e ódio, começou a magoá-la pondo-lhe no rôsto todos os benefícios que os pais lhe faziam. Paciente e humilde Lili, curvava-se submissa às ásperas censuras de Isabel, o que mais a irritava. Às vezes, num assômo de ira e de ciume, Isabel empurrava a pobre órfã, fazendo-a ir de encontro aos móveis sem que lograsse ouvir-lhe uma queixa ou um simples lamento.

Num lindo dia de primavera, brincavam ambas no jardim, quando Isabel, tropeçando, caíu, indo bater com ímpeto numa das arestas duma coluna de mármore côr de rosa que ornamentava uma das ruas do jardim.





Inquieta e pressurosa, Lili aproximou-se de Isabel, levantou-a ternamente, e, vendo-lhe a fronte ensangüentada, correu a chamar os criados, que acudiram, prontos. Quando o banqueiro chegou com a esposa, Isabel, irada e lacrimosa, disse-lhes que Lili a empurrara com violência para a fazer cair. O banqueiro, irritado, repreendeu severamente a órfã e exprobando-a pelo seu feio procedimento, e avisando-a de que, se repetisse a sua má acção, saíria daquela casa onde a haviam acolhido por compaixão e caridade. Lili, de olhos no chão e cabeça baixa, ouvia humildemente aquela tão áspera como imerecida repreensão, tentando em vão conter as lágrimas, que, silenciosamente lhe corriam pelas faces pálidas. Isabel sorria quási satisfeita. E na sua enorme aversão pela órfã, pensava infligir-lhe novas torturas, quando, nessa mesma tarde ao cobrir umas estampas, na sala de visitas, deixou cair um lindo jarrão chinês que a mãe apreciava muito, quebrando-o com ruído. Lili acudiu pressurosa, e, vendo o desapontamento e temor de Isabel, correu a pedir perdão à madrinha, dizendo-lhe humildemente: »Perdõe-me madrinha, mas sem querer quebrei o lindo jarrão da sala». Isabel ouviu tudo e à sua enorme aversão pela órfã, sucedeu um sentimento repentino de admiração e respeito.

No seu pequenino cérebro trava-se enorme luta, até que, finalmente, cedendo aos impulsos do seu coração, lança-se nos braços de Lili, exclamando: «Perdôa, perdôa, todo o mal que te fiz e todo o que pensava fazer-te» e, sem se poder conter mais, disse à mãe entre soluços: «Fui eu que quebrei o jarrão, fui eu que caí e me magoei, culpando a pobre Lili, por um mau impulso de ódio e maldade e ela ainda se culpa para me desculpar, amando-me e perdoando-me, a mim que tanto a fiz sofrer!

Com grande alegria de todos Isabel tornou-se tão bôa e meiga, tão simples e afectuosa que os criados envolviam no mesmo sentimento de ternura e simpatia as duas pequenas que foram sempre bôas e leais amiguinhas.



PICO-PICO-SARAPICO

■ POR AUGUSTO DE SANTA-RITA ■
DESENHO DE ANTONIO LOPES

SETOITOI
ou Micoicoi
que tem quatro anitos só,
ao colo do seu avô,
joga o Pico-Pico-Pico...
Pico-Pico-Sarapico,
na mãozita sôbre a palma;
jôgo de que mais gostou,
dos muitos que lhe ensinou
o seu adorado e rico
avôzinho da su'alma!

— «*Pico-Pico-Sarapico,
quem te deu lamanho bico!!
Você que vai e que vem...
não me leve o meu vintêm
nem de oiro, nem de prata,
Maria, linda mulata!
E agora vai-te esconder
para trás daquela mata!
Pico-Pico-Sarapico,
quem te deu tamanho bico?!*»

Setoitoi
ou Micoicoi
sentada sôbre o joelho
do seu avôzinho velho,
saltitando num sarilho,
a bandeiras despregadas,
rí com francas gargalhadas,
ouvindo o lindo estribilho:

— «*Pico-Pico-Sarapico,
quem te deu tamanho bico?!
Você que vai e que vem,
não me leve o meu vintem
nem de oiro nem de prata,
Maria, linda mulata!
E agora vai-te esconder
para trás daquela mata!
Pico-Pico-Sarapico,
quem te deu tamanho bico?!*»

Setoitoi
ou Micoicoi
pula como um diabrete,
emquanto o avô repete,
quási a cair da cadeira:
— *Pico-Pico-Sarapico...*
E pronto; por aqui fico,
acabou-se a brincadeira!

■ FIM ■

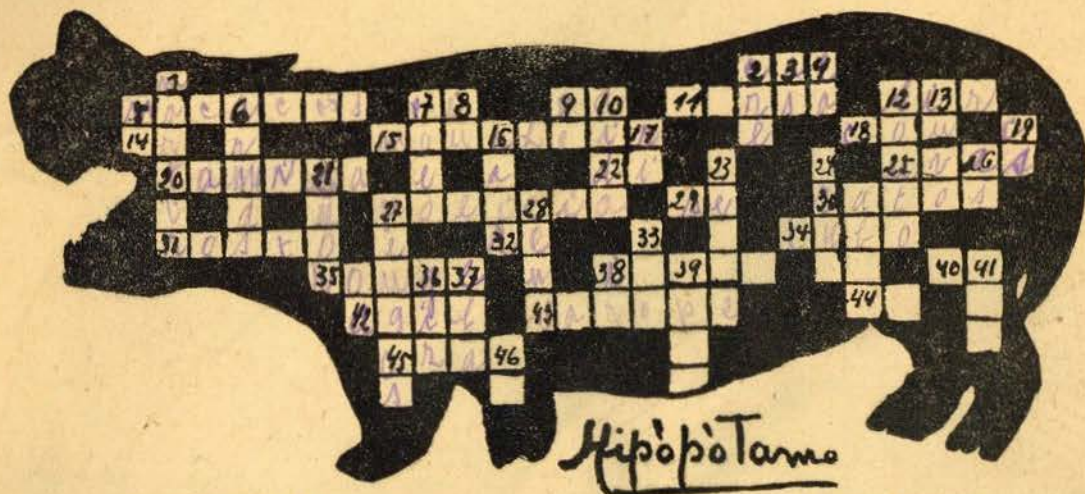


HORA DE RECREIO

Palavras cruzadas

Problema

Hipopótamo



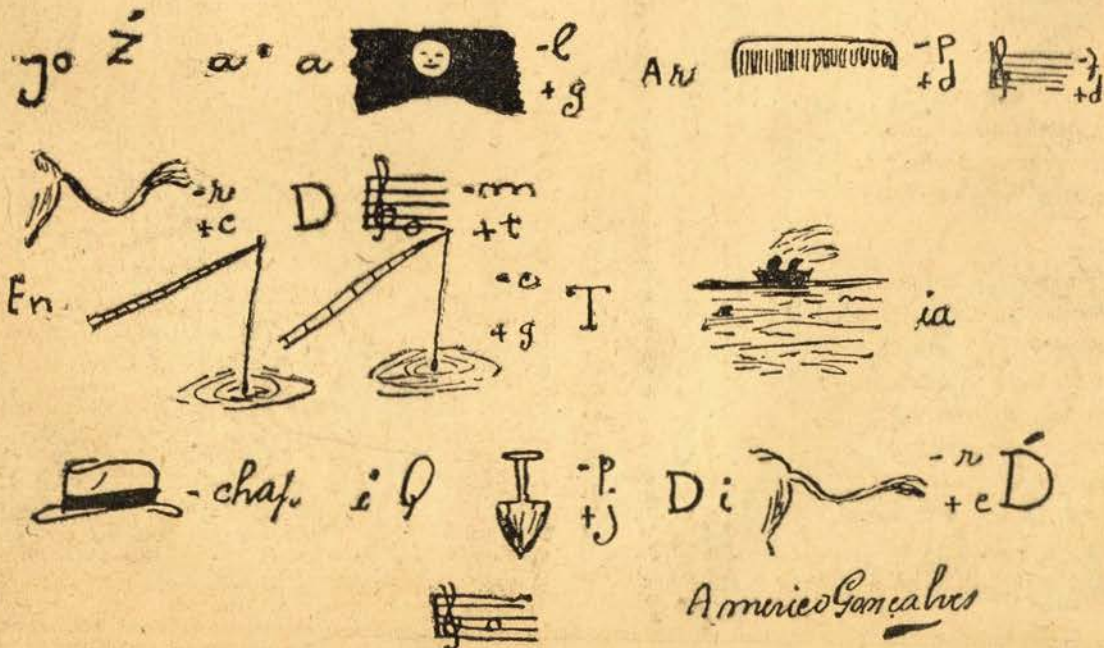
HORIZONTALMENTE

VERTICALMENTE

2, Protoxydo de calcio — 5, Primatas — 7, letra do alfabeto grego — 9, parte mais larga dum renco — 11, Pissípedes — 12, senhor em Inglês — 14, verbo — 15, lenço em francês — 18, pescoço em francês — 20, Rio Inglês — 22, letra do alfabeto inglês — 25, fruto — 27, autoridade — 29, Igreja episcopal — 30, roedores — 31, cara — 32, nota musical — 34, peça comprida cilíndrica e diâmetro variavel — 35, encarnado em francês — 38, nome duma mulher — 40, parte do corpo — 42, ligeiro — 43, medicamento — 44, interjeição — 45, das aves.

1, vítima — 2, carbonato de cal amorfo — 3, carta de jogar — 4, nota musical — 6, que serve para ataque ou defesa — 7, da esfera — 8, pronúncia dum pernome inglês — 9, o que o vento levanta — 10, nome duma mulher — 12, conjunto de castanheiros — 13, latido — 16, verbo — 17, contrario de chorar — 19, forma dum verbo inglês — 21, respirar pela pele — 23, cidade — 24, com electricidade — 26, carta de jogar — 27, meias de homem — 28, pronome demonstrativo francês — 33, uma igreja branca sem porta nem tranca — 36, com que se escreve na ardósia — 37, pronome pessoal — 38, verbo — 39, marca de automovel.

Enigma pitoresco por Americo Gonçalves



A ARABIA Equilibrista

INSTRUÇÕES.

Colar as figuras da presente
folha em cartolina ou cartão de es-
pessura regular. Depois de seca, re-
cortar e colar costas com costas.

Na ponta da cauda, entre as duas
faces do cartão, colocar um pedaço de chumbo
do tamanho de meio tostão.



Constru-
ção
para
armar